

COMO SOBREVIVI A PANDEMIA DE COVID-19:

ESBOÇO DE UMA AVALIAÇÃO FEMINISTA

Paula Vielmo¹

RESUMO:

Repetir que o ano de 2020 foi difícil não é excessivo. Foi um ano marcante para o início do século XXI, afinal foi a primeira pandemia deste século. O novo coronavírus: coronavírus 2 da Síndrome Respiratória Aguda Grave provocou a doença Covid-19. Com ela, muitas pessoas ficaram dentro de casa como principal medida sanitária e provocou mudanças sociais e subjetivas ainda não precisamente identificadas. Neste ensaio, procuro retomar o ano e refletir criticamente sobre o período, reconhecendo a importância e limites do ponto de vista e de emoções diversas que permeiam este processo, por vezes embaraçando a análise. Ao responder a questão: quais os elementos que compõem a minha avaliação do ano de 2020 envolvendo a pandemia da Covid-19?, concluo que este ano não deve ser esquecido e precisa nos ensinar que a dor deve impulsionar a luta e as mudanças somente serão possíveis se além de resistência, formos capazes de sonhar e lutar por uma nova sociabilidade.

Palavras-chave: Covid-19; feminismo; experiência.

ABSTRACT:

To repeat that the year 2020 was difficult is not excessive. It was a remarkable year for the beginning of the 21st century, after all it was the first pandemic of this century. The new coronavirus: coronavirus 2 of the Severe Acute Respiratory Syndrome caused the Covid-19 disease. With it, many people stayed indoors as the main sanitary measure and provoked social and subjective changes not yet precisely identified. In this essay, I try to resume the year and reflect critically on the period, recognizing the importance and limits of the point of view and diverse emotions that permeate this process, sometimes embarrassing the analysis. In answering the question: what elements make up my assessment of the year 2020 involving the Covid-19 pandemic?, I conclude that this year should not be forgotten and needs to teach us that pain must drive the fight and changes will only be possible if in addition to resistance, we are able to dream and fight for a new sociability.

Keywords: Covid-19; feminism; experience.

¹ Pedagoga do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), Campus Barreiras; especialista em Educação em Gênero e Direitos Humanos (NEIM/UFBA) e mestranda em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (UFBA). Integro o Grupo de Estudos sobre Gênero numa perspectiva Feminista (GEGEF/IFBA), o Grupo de Pesquisa CIGE – Estudos de Gênero em Ciência e Educação (UFBA),

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Quando soube da chamada interna para o dossiê intitulado “Nossas Vivências, Experiências, Transcendências e Traumas na Pandemia do Covid-19” durante a aula do tirocínio docente, fiquei animada e pensei de imediato em compartilhar experiências e reflexões críticas. Creio que tal recurso permite avaliar a situação assim como inspirar outras pessoas e até acolhê-las por meio das palavras. Além disso, desde que li *Ensinando a transgredi: a educação como prática da liberdade*, aprendi com **bell hooks** (2017) a transformar luta e dor em teoria e levo essa aprendizagem à sério. Igualmente por isso escrevo, afinal 2020 foi um ano de dor, luto e luta por sobrevivência.

Apesar de ser de Barreiras, interior da Bahia, entre 2019 e 2020 estive afastada do meu trabalho para estudos e residindo em Salvador. Distante da família quase 900 km, sozinha em um pequeno apartamento, no segundo e último ano do mestrado, recém com nova orientadora e crente que passaria pela pandemia sem ser contaminada: foram nessas condições que a pandemia me alcançou no ano de 2020.

Parte deste período pandêmico ainda em curso, estive sozinha. Eu e eu mesma num pequeno apartamento em Salvador, saindo a cada dez dias para comprar alimentos. Apesar de sempre conversar com amigas, amigos e familiares por vídeo chamada e redes sociais, fui minha única companhia por longos meses, exceto pelas compras semanais em que encontrava uma amiga². Mantendo distanciamento social e sem contato físico, apenas para não “enlouquecer” e me alimentar melhor.

Confesso que lembrar esse percurso e refletir criticamente sobre este período é difícil, não apenas por ser recente, mas por estar permeado de emoções diversas e por vezes embaraçadas. Os dias se tornaram eternos domingos, como li em alguma postagem do *Instagram*. Portanto, este texto é um esforço concreto escrito nos últimos dias de 2020 e guia-se pela seguinte questão: **quais os elementos que compõem a minha avaliação do ano de 2020 envolvendo a pandemia da Covid-19?**

Avaliar implica analisar, apreciar, pensar acerca de algo gerando um parecer (HOUAISS, 2010) e opto por este verbo para transitar ao longo do ano tumultuado de

² Minha gratidão à amiga Zilmar Alverita por incentivar a caminhada e as compras saudáveis.

2020, envolvendo aspectos sociais e subjetivos, apoiada na produção de conhecimento que entende a autoria como parte do processo.

Nessa direção, as epistemologias feministas fundamentam essa apreensão da realidade ao entender que o feminismo oportuniza uma visão crítica e, conseqüentemente, com um posicionamento crítico acerca da sociedade, marcado pelo gênero (HARAWAY, 1995), bem como produz teoricamente, sendo tal produção uma forma política de mudar o mundo, por meio das relações de gênero e suas conseqüências na organização social (KELLER, 2006). Cecília Maria Bacellar Sardenberg (2002) defende a construção de uma epistemologia feminista para autorizar e fundamentar a produção de ciência feminista e deve ser “um processo tanto de desconstrução como de construção” (SARDENBERG, 2020, p. 97).

Para tanto, parto de um ponto de vista subjetivo da experiência e entendo subjetividade e objetividade como indissociáveis, como uma unidade dialética, conforme diz Paulo Freire ([1974] 2011) em *Pedagogia do Oprimido*. Nessa direção, argumentarei acerca da realidade vivida não responsabilizando o novo coronavírus e atribuindo sua origem tão fatal quando associado a condições de desigualdades profundas e governos irresponsáveis, como o brasileiro, ao mesmo tempo em que relato como me incluo nesse processo.

Nesse sentido, cabe situar-me sociologicamente, entendendo que tal posição impacta acerca da visão de mundo. Portanto, identifico-me como uma mulher feminista militante, branca, do interior da Bahia, 36 anos, solteira, sem desejo de gestar; classe trabalhadora, haja vista que vivo da minha força de trabalho; educadora feminista, pedagoga, servidora pública.

Apesar de gostar da solitude, a pandemia impôs solidão, pois ficar só por opção é distinto de ficar só por imposição. Na condição de seres sociais, a experiência de distanciamento humano certamente marcará a existência de muitas pessoas, dentre as quais me incluo. Por conseguinte, as ideias serão apresentadas por meio de cinco seções: considerações iniciais; os primeiros meses de pandemia no Brasil; sobrevivendo à pandemia; e os estudos? e considerações finais: novo normal? Convido à leitura e à crítica, pois nas palavras de Paulo Freire (1996) em *Pedagogia da Autonomia*, todo texto necessita de uma leitura crítica.

Os primeiros meses de pandemia no Brasil

Quando a OMS alegou estágio de pandemia em março de 2020, fiquei em pânico por alguns dias e não fui a única. Em seguida procurei me informar, conversar com as pessoas, acompanhar as medidas sanitárias adotadas pelos estados e municípios, destacadamente pelos governos do Estado da Bahia e dos municípios de Barreiras e Salvador. Nacionalmente, acompanhamos a total inabilidade intencional do pandemônio que ocupa o posto mais elevado do país: Jair Bolsonaro, o atual Presidente da República.

Nesse cenário caótico, a incorporação de higienização constante das mãos com água e sabão, álcool em gel e uso de máscaras. Coincidentemente, em 2020, Florence Nightingale³ completou 200 anos e seus princípios foram continuamente lembrados por profissionais da Enfermagem nos primeiros meses, como a higienização das mãos⁴.

Com a rápida propagação do vírus, preocupava-me em adoecer estando sozinha, ao mesmo tempo preocupada com familiares que seguiam trabalhando regularmente, enquanto eu já me encontrava afastada e recebendo meus proventos mensalmente. Assim, certamente, estive numa posição privilegiada em relação à imensa maioria da população, tanto pela possibilidade de continuar dentro de casa e ter condições materiais para sobrevivência, como por não passar pelo trabalho remoto, apesar de estudar remotamente e entender que o estudo é também um trabalho (GRAMSCI, [1949] 1982).

No início ocorreram os manifestos batendo panela na janela. A priori foi necessário ressignificar o gesto atribuído à segmentos sociais que apoiaram o golpe contra a presidenta Dilma Rousseff e contribuíram para a eleição de Bolsonaro. Por vezes solitária no prédio e outras acompanhada de algum/a vizinha/o, batia o instrumento ao tempo em que gritava “Fora Bolsonaro e leve Mourão” até as pregas vocais arderem. Tal ato associado ao som vindo de outros prédios e informes pelos grupos de *whatsapp*, expressaram que não podíamos ocupar as ruas, mas estávamos em nossas janelas nos manifestando. Ao menos era assim que eu entendia.

³ Fundadora da enfermagem profissional

⁴ *Lives: O legado de Florence Nightingale e o trabalho da enfermeira na pandemia do Coronavírus* com Cristina Meira de Melo (12/05/2020, @comiteenfbaicovid19) e *Reflexão sobre o pensamento Nightingaleano e ações de enfrentamento da Covid-19* com Maria Angélica de Almeida Peres (01/06/202, Plataforma RNP da EEUFBA)

Do lado de fora, as ruas foram se esvaziando cada vez mais em virtude de medidas restritivas de fechamento do comércio e da elevada ocupação de leitos nas Unidades de Tratamento Intensivo. O sistema de saúde do país apresentava-se evidentemente frágil ao tempo em que absolutamente necessário. A defesa do Sistema Único de Saúde emergiu com força nesse momento, associado à intensa mobilização de profissionais de saúde, destacadamente da Enfermagem, uma profissão constituída majoritariamente por mulheres.

A Enfermagem Profissional surge a partir da segunda metade do século XVIII. O cuidado, objeto da Enfermagem, surge como uma necessidade evidente, sendo um trabalho historicamente feito por mulheres, pois o ingresso de homens na enfermagem brasileira foi permitido somente a partir dos anos de 1970 (MACHADO et al, 2015). A Enfermagem é uma profissão que se transformou em uma ocupação vinculada à imagem do feminino de uma época ou cultura especificamente analisadas, vinculada ao trabalho de cuidar.

O cuidado, fundamental para a vida humana, necessidade cotidiana e invisível, ganhou destaque durante a pandemia. Igualmente, a necessidade de sair do campo privado e ser percebido como “problema político” (BIROLI, 2018, p. 55). Essa percepção desloca o sentido do cuidado, mercantilizado no modo de produção capitalista, para o espaço das relações de cuidado como um problema democrático. Contudo, Flávia Biroli (2018) alerta para a necessidade de ultrapassar o binarismo feminino-masculino e interpretar hierarquias de gênero como produzidas pelo patriarcado capitalista racista nas experiências de cuidado.

A Enfermagem, ao celebrar sua data em homenagem à profissão e ao bicentenário da fundadora, revelou cruamente à sociedade as condições de trabalho precárias a que as enfermeiras são submetidas. “Não somos anjos, mas trabalhadoras” foi uma frase que ouvi em inúmeras *lives* por profissionais da Enfermagem, fossem Enfermeiras, Técnicas ou Auxiliares de Enfermagem. Igualmente, evidenciou-se a feminização da linha de frente de combate à doença: *a luta contra o coronavírus têm o rosto de mulheres*, trazia como título a matéria de Gil Alessi (2020) no *El País*, no início de maio.

Ao tempo em que circulavam pelas redes sociais imagens de profissionais da saúde pedindo para a população ficar em casa, o comércio fazia coro com Bolsonaro de que o fechamento prejudicaria a economia. As vidas oficialmente para o governo federal eram menos importantes do que as cifras e tal discurso era materialidade.

Em meio a um aprofundamento da crise econômica, ambiental, reprodutiva e política na qual o país está imerso, foi aprovado o auxílio emergencial⁵ após disputas no Congresso Nacional: a proposta do governo era de R\$200,00, mas a oposição conseguiu aprovar R\$600,00, sendo que a lei prevê que famílias chefiadas por mulheres receberão duas cotas do auxílio, ou seja, R\$1.200,00.

Tal iniciativa mobilizada por deputadas feministas reconhece a desigualdade e desvantagem social que pesa sobre as mulheres brasileiras. Além de serem maioria na informalidade, as mulheres também o são no sustento dos lares, muitas vezes abandonadas pelos companheiros. O sentido do texto da lei pode ser assim interpretado.

Diante do mundo que parecia despencar do lado de fora das duas únicas janelas pelas quais eu observava, saindo uma vez por semana com todo o cuidado, como sobreviver? Receitas culinárias, limpezas, poesia, literatura, teoria feminista, séries e *lives*, muitas *lives*. E cursos, alguns com duração de meses, sendo que nem todos concluí. Dois caderninhos de anotação para os cursos e *lives*, transitando entre conteúdos sobre feminismos, conjuntura política, autocuidado, enfermagem, aborto, marxismo, organização dos estudos.

Com muitas aprendizagens significativas, passei da posição de ouvinte para a de falante (além dos comentários nos *chats*) e participei de uma *live* sobre educação emancipatória e uma comunicação oral em evento. Não gostei da experiência de olhar para uma tela e não ver nenhum outro ser humano. Disse não aos outros convites, cancelei alguns já aceitos. Era preciso dedicar-me à escrita da dissertação, mas em verdade, era ausência de sentido diante do vazio de contato humano.

O primeiro semestre será demarcado como findado para mim com meu aniversário em junho e um ano sem festas juninas. Quando a pandemia foi decretada em março, comecei a me preparar para celebrar a data isolada, sozinha. Com o tempo, surgiram os aniversários virtuais ou *Websários*. Participei de alguns e resolvi fazer o meu. Apesar do distanciamento social, senti muito carinho e recebi um bolo surpresa de amigas e amigos de Barreiras e a visita de uma amiga, ficando distante e sem direito a abraço. A essa altura já era sabido que “O melhor lugar do mundo / É dentro de um abraço”⁶.

Mas o país mergulhara em um período de luto intenso e milhares de mortes começaram a ser anunciadas, muitas delas próximas, com relatos dolorosos sobre a

⁵ Benefício instituído pela Lei Nº 13.982/2020

⁶ Trecho da música Dentro de Um Abraço, da banda Jota Quest.

negligência política e impedimento de velar essas pessoas. Assistimos conjuntamente com o restante do mundo, impactadas, as declarações do Presidente da República do Brasil.

Sobrevivendo à pandemia

Em julho, os sinais de aflição com a solidão começaram a se intensificar e minha irmã e cunhado foram me buscar em Salvador. Chegando em Barreiras, uma semana depois minha crença de que passaria pela pandemia imune foi contestada: toda a família havia sido contaminada pelo novo coronavírus. Foram dezessete longos dias sentindo os sintomas. Todos os membros da família ficaram isolados e tiveram sintomas leves; algumas/alguns com perda de paladar. Eu não, mas com fortes dores de cabeça e nas costas.

Diante disso, fiquei mais de duas semanas sem condições de estudar, de me dedicar à dissertação e demandas acadêmicas. É horrível pensar e expressar que, apesar do quadro social gravíssimo e dos riscos evidentes à saúde, a pressão advinda dos prazos exerce um peso sobre nós, pós-graduandas/os que não pode ser ignorado. Outras colegas também passaram por situação semelhante e adicionado a isso uma ausência por parte de algumas orientadoras, segundo tais relatos. Certamente, todas estávamos abaladas e apesar disso os prazos permaneceram e foram cobrados mais tarde, de modo cumulativo.

O líder da nação evidentemente estimulava a população por meio do seu exemplo. Todas as vezes que saía de casa sentia a ansiedade aparecer, ao perceber o descuido com o uso das máscaras, tanto em Salvador quanto em Barreiras, e do movimento nas ruas; em seguida, redução de fluxo para no segundo semestre retomar de forma mais irresponsável por parte dos governos, população e até profissionais de saúde ao exporem imagens com aglomeração fora do trabalho e sem os cuidados recomendados.

Como negligenciar pronunciamentos do presidente com frases como “é uma gripezinha”; “vamos todos morrer um dia”; “E daí!? Lamento, quer que eu faça o quê?”; “não precisa entrar em pânico” (BBC News, 2020). A lamentável naturalização da contaminação e da morte está entre nós.

Em meio à crise sanitária, a saúde e autonomia reprodutiva das mulheres não deixou de ser alvo. Foram interrupções na assistência à saúde reprodutiva, no aborto legal e alterações legislativas envolvendo os casos previsto em lei para interrupção da gestação. Após o país acompanhar estarecido uma criança de 10 anos, gestante fruto de um estupro,

ser exposta e ter o direito ao aborto bloqueado, a ação do governo federal foi emitir a Portaria Nº 2.282, de 27 de agosto de 2020, substituída após protestos e repercussão negativa pela Portaria Nº 2.561/2020.

A Portaria alterou o procedimento de Justificação e Autorização da Interrupção da Gravidez nos casos previstos em lei, no âmbito do Sistema Único de Saúde, dificultando o procedimento e inserindo ações de constrangimento para as mulheres e de infrações éticas às/aos profissionais de saúde.

A pandemia evidenciou a violência doméstica contra as mulheres, gerando ampla repercussão e divulgação de dados que passaram a ser analisados a fim de combater o traço cultural fortemente machista do Brasil. A casa, lugar seguro durante a pandemia, não era lugar seguro para muitas mulheres antes mesmo da crise sanitária ser declarada. Do mesmo modo, o racismo ocupou lugar central diante de inúmeros casos ao redor do mundo, já que a população negra é morta, asfixiada pelo Estado antes mesmo de ser contaminada pela Covid-19.

Essa realidade evidencia a articulação entre as discriminações, pois mulheres não brancas são discriminadas em dobro pela condição racial e sexual, assumindo um caráter de tripla discriminação em virtude da condição de classe (GONZALEZ, 1988).

Igualmente, a superexploração do trabalho das mulheres foi debatida, seja por meio do acúmulo de tarefas, da dificuldade de pesquisar no espaço doméstico, do cuidado como trabalho feminino invisibilizado e elementar, das múltiplas discriminações.

Apesar do afastamento para estudos, mobilizada pelos relatos das colegas de trabalho, reaproximei-me do movimento sindical, pois o sindicato negligenciava essa realidade de trabalho que impactava as trabalhadoras e trabalhadores, sobremaneira as mulheres. Aqui me refiro ao Sinasefe – Seção Sindical IFBA, que realizou uma assembleia sindical sete meses após o início da pandemia, mediante forte apelo da base, na qual colaborei.

Pensando o meu local de trabalho e o segmento que componho, de Técnicas/os Administrativas/os em Educação (TAE), os prejuízos são evidente. Enquanto o trabalho docente no que se refere a aulas não foi imediato, de repente, as casas se transformaram no local de trabalho e as crianças, familiares, animais dividiam espaços com as muitas vezes precárias condições de trabalho das TAE. Em geral, as casas não possuem espaços adequados com móveis, equipamentos e silêncio.

Esse segmento é também majoritariamente constituído por mulheres, conforme levantamento⁷ realizado anteriormente para um artigo (VIELMO, 2019), o que interpreto como uma omissão assentada nas relações desiguais de gênero.

Paralelo, retornei para contribuir com a gestão da Associação de Pós-Graduandas/os da UFBA durante o ano, até início de agosto. Neste período, as reuniões, debates e assembleias foram um espaço tanto de acolhimento quanto de militância, reverberando em inúmeras ações coletivas. A reaproximação dos espaços de militância certamente preencheu um espaço vazio promovido pela pandemia.

E os estudos?

Ao mesmo tempo era necessária a dedicação à dissertação, pois os prazos finais de aproximavam. Durante vários meses, leituras, ideias e cursos ocuparam a lacuna deixada pela interrupção do semestre letivo na UFBA. Encontros do Grupo de Pesquisa indicavam um vínculo e atuavam como meio de não perder o contato. Sem cobranças, serviu como um espaço de apoio mútuo e de estudos, quinzenalmente, nas tardes de sexta-feira⁸.

O mote “UFBA em Movimento” não fazia sentido para mim e foi anunciado o Semestre Letivo Suplementar (SLS) em matéria do Jornal A Tarde (MANCINI, 2020). Foi assim que parte considerável da comunidade UFBA, incluindo-me, tomou conhecimento do fato que ainda seria debatido pelo Conselho Universitário. Posteriormente, sem debate interno, o Conselho deliberou pela aprovação da proposta e não retomada das atividades presenciais no ano civil de 2020. Somente depois ocorreu uma pesquisa interna para verificar as condições de acesso ao SLS.

Até o início do anúncio em julho e retomada de aulas virtuais em setembro, a solidão acadêmica foi imensa, sendo reduzida por vídeos, dos quais destaco o Curso de escrita acadêmica⁹, a banquinha tira-dúvidas¹⁰, a série quinquilharia¹¹ e o perfil

⁷ Nacionalmente em 2018, segundo dados da SETEC/MEC eram 52,8% mulheres TAE e 47,2% mulheres docentes; no IFBA são 54,26% mulheres TAE e 41,49% mulheres docentes.

⁸ Refiro-me ao GEM - Grupo de Estudos sobre Saúde da Mulher (Escola de Enfermagem - UFBA), coordenado pela Profa. Sílvia Lúcia Ferreira. Encontros realizados entre maio e dezembro de 2020. Discutimos as obras Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano (2019), de Grada Kilomba e Gênero e Desigualdades: limites da democracia no Brasil (2018), de Flávia Biroli.

⁹ Disponível no canal do Youtube Rosana Pinheiro-Machado, com aula de dezessete professoras/es.

¹⁰ Disponível no Instagram @debora_d_diniz, conduzido por Débora Diniz.

¹¹ Disponível no canal do Youtube Anis – Instituto de Bioética, mediado por Débora Diniz.

WordAid¹², além da força das amigas, destacadamente Indiara de Souza Conceição e Moema Carvalho. Para minimizar essa lacuna, a partir de junho foram iniciados os encontros mensais de outro Grupo de Pesquisa¹³, ocupando manhãs da sexta-feira.

Diante da celebração do aniversário de Paulo Freire, houve uma edição especial da *Revista Universidade e Sociedade*, para a qual escrevi um trabalho que tinha muita vontade: as contribuições de Paulo Freire para as pedagogias feministas e das feministas para a produção de Paulo Freire (VIELMO, 2020). O prazer desta escrita desobrigada impulsionou-me a olhar novamente para a dissertação de certo modo abandonada.

Academicamente, estava abalada pelo fato de não poder acessar o campo e ter que realizar os grupos focais virtualmente, haja vista avaliar prejuízos ao método no que tange a analisar expressões corporais além da oralidade; além disso, certamente a maior aflição foi em relação à espera para a autorização do Comitê de Ética em Pesquisa.

Nem as adversidades desse ano atípico, também para pesquisadoras/es, fez com que houvesse maior transparência acerca das exigências muitas vezes genéricas do Comitê. O projeto tramitou entre julho e dezembro, com inúmeras cobranças de alterações que poderiam ser sanadas facilmente diante de orientações claras para além das resoluções, haja vista cada CEP poder exigir documentos adicionais. Foi apenas nesse momento que o cansaço tomou conta, afinal foi um desgaste emocional imenso e longos seis meses...

E eis que entre 08 de setembro e 12 de outubro ocorreu o SLS da UFBA, anunciado como de caráter não obrigatório, mas contraditório para os prazos da pós-graduação. Assim, matriculei-me para esse formato em um componente curricular que iniciara presencialmente, e de modo contrariada, no tirocínio docente. Não me apetecia experimentar a docência no ensino superior virtualmente, porém fui muito bem acolhida pelas docentes e pela turma, sendo oportunizado um espaço de efetiva aprendizagem¹⁴.

Para fechar o ano pandêmico, o exame de qualificação ocorreu no início de dezembro, mas com intercorrências na conexão que promoveu o adiamento para dias

¹² Disponível no Instagram @word_aid, conduzido por Thiago Vidotto.

¹³ Refiro-me ao NEIM-CIGE – Ciência, Gênero e Educação (Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher - UFBA), coordenado pelas Profas. Ângela Maria Freire de Lima e Souza e Izaura Cruz. Encontros realizados entre junho e novembro de 2020. Discutimos inúmeros artigos com foco na metodologia dos trabalhos.

¹⁴ O componente curricular cursado foi Teorias sobre racismo e modernidade, sob a docência da Profa Paula Barreto (PPGCS/UFBA) e o tirocínio docente foi realizado no componente curricular Autoritarismo e democracia, sob condução das professoras Cecília Sardenberg, Maíra Kubík e Teresa Sacchet, a quem agradeço a acolhida.

seguintes. Afinal, quem não teve problemas de conexão nesse período ou disse ao abrir o microfone “me ouvem?”. Apesar das adversidades e da ausência física, a qualificação ocorreu nos moldes que o atual momento histórico permitiu e foi tranquila e proveitosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: NOVO NORMAL?

A despeito de todas as dificuldades enfrentadas, surgiu um espectro de positivação do momento e de um chamado “novo normal”. Contudo, o que vemos a olhos nus quando olhamos com atenção para a realidade é um verdadeiro genocídio, associado ao aprofundamento do desemprego, ampliação da violência contra segmentos socialmente desumanizados, caos na saúde pública, interrupção das aulas nas instituições públicas e as desigualdades sociais estampadas à sociedade.

Se no primeiro semestre, a contaminação e mortes sensibilizaram inúmeras pessoas para seguir a principal orientação de distanciamento social, no segundo semestre a naturalização da pandemia provoca choque diante da retomada da rotina, malmente com o uso de máscaras. É certo que permanecer em casa o tempo todo não é sequer saudável, porém o que está exposto em todos os segmentos sociais é o novo normal da banalização do inaceitável, guardadas as devidas diferenças entre capitais e interiores do país, territórios urbanos e rurais e entre centros e periferias das cidades.

A oportunidade de ampliação dos laços de solidariedade, com campanhas nos primeiros meses, se perderam no cotidiano das contaminações e mortes. De que forma a afirmação de Bolsonaro de que todas as pessoas seriam contaminadas ocupou as nossas subjetividades?

Do mesmo modo agiram os governos que, diante de uma segunda onda pós eleições municipais, recuaram frente às medidas, incluindo casos de retomada de aulas presenciais e óbvia ampliação da contaminação. O novo normal é uma farsa tal como as atuais fake News, que ocuparam espaço privilegiado disseminando inverdades acerca de medicamentos que poderiam “curar” a doença, tal como o mito da cloroquina e ivermectina. Combater essas inverdades proferidas também pelo próprio presidente não é trabalho fácil, menos ainda quando líderes religiosos se somam a ele.

A despeito das críticas pelo excesso de oferta de *lives* e cursos *online*, concordo que houve um sufocamento. Todavia, ao mesmo tempo que o excesso provocou cansaço e disseminou conteúdos sem rigor, foram oportunidades de acessar eventos muitas vezes restritos à determinados segmentos sociais e grandes centros. No meu caso, já disse da

importância não apenas para ocupação no momento, mas também de oportunidade de melhor conduzir a escrita da dissertação.

Por fim, afirmo que todos os elementos expostos representam o ponto de vista desta autora. Certamente há inúmeros outros aspectos que foram por mim negligenciados, apesar do esforço de uma visão de totalidade deste ano de 2020 e da experiência pandêmica envolvendo a Covid-19, uma doença letal que, na data de encerramento deste texto, atingiu a marca 7.619.200 casos confirmados oficialmente e inadmissíveis 193.875 óbitos.

Ao lembrar e escrever procurei transformar dor, luto e luta em mais do que teoria, em um balanço atenta à práxis. O ano de 2020 não deve ser esquecido e precisa nos ensinar que a dor deve impulsionar a luta e que as mudanças somente serão possíveis se além de resistência, formos capazes de sonhar e lutar por uma nova sociabilidade.

REFERÊNCIAS

ALESSI, Gil. *A luta contra o coronavírus têm o rosto de mulheres*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-05-02/a-luta-contra-o-coronavirus-tem-o-rosto-de-mulheres.html>. Acesso em: 04 maio 2020

AVALIAR. In: *Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. [Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar; elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa]. 4.ed.rev.e aumentada. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

BBC News. *Relembre frases de Bolsonaro sobre a Covid-19*. Disponível em: <bbc.com/portuguese/brasil-53327880> Acesso em 31 dez. 2020.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Pedagogia do Oprimido* [1974]. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a Organização da Cultura*. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, [1949] 1982)

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afrolatinoamericano. *Revista Isis Internacional*, Santiago, v. 9, 1988, p. 133-141.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da Ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, São Paulo, n.5, p.07-42, 1995.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2017.



KELLER, Evelyn. Qual foi o impacto do feminismo na ciência? *Cadernos Pagu* (27), julho-dezembro de 2006: pp.13-34.

MACHADO, Maria Helena et al. Características gerais da enfermagem: o perfil sócio-demográfico. *Enferm. Foco*, 2015: 6, p. 11-17.

MANCINI, Giuliana. *Ufba apresenta proposta de semestre suplementar, com aulas online*. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/ufba-apresenta-proposta-de-semester-suplementar-com-aulas-online/>> Acesso em: 31 dez. 2020.

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. Da crítica feminista à Ciência a uma Ciência Feminista? In: COSTA & SARDENBERG. *Feminismo, Ciência e Tecnologia*. Salvador: REDIR/NEIM/FFCH/UFBA, 2002.

VIELMO, Paula. “Não tem mulher”: sindicalismo e a luta feminista no Sinasefe. In: BAUER, Carlos et al (orgs.). *Sindicalismo e associativismo dos trabalhadores em educação no Brasil: com escritos sobre a Argentina, Inglaterra, País de Gales e Portugal*. 1. ed. Jundiaí, SP: Paco, 2019, p. 327-342.

VIELMO, Paula. Pedagogia feminista e o legado de Paulo Freire: contribuições para uma educação como prática da liberdade. In: *Universidade e Sociedade*, Ano XXX - Nº 66 - julho de 2020, p. 308-321.

Agradeço a leitura e revisão deste texto pela amiga Indiara de Souza Conceição na véspera do ano novo.